

VIDA MARINHA | Pela primeira vez em 507 anos da Baía de Todos os Santos, pescadores param de pescar para ambiente se recuperar

Descanso para os peixes

MAIZA DE ANDRADE

mandrade@grupoatarde.com.

Ao ver um vermelho dentão passeando, tranqüilamente, nos recifes de corais das caramuãs, a 4 km da costa de Aratuba, na Ilha de Itaparica, o pescador Antônio Nunes de Brito, 48, se entusiasmou. Emergiu do mergulho e gritou: veja o dentão, que beleza! Ele, que ainda ia se admirar de muitos outros que apareceram, em pequenos cardumes, estava empolgado com o resultado do fechamento daquela área para a pesca desde janeiro deste ano.

Outro motivo de alegria para ele foi ver, intactos, os corais de fogo. De cor amarelo-amarronzado e com estrutura de galhos delicados, predominavam na paisagem marinha. "Estão inteirinhos e mais crescidos", disse ele, que, como todo pescador é mais conhecido pelo apelido. O dele é Cutia.

A cada nova avistagem o homem se alegrava e nadava mais e mais, adentrando os recifes. Queria ver o mero, que, segundo ele, prefere ficar nas partes mais fundas. Em lugar do mero, o que viu lá embaixo foi um badejo e desceu alguns metros para ver o bicho de perto. "Veja como eles estão mais mansos, nem se assustam com a nossa presença. É sinal que se sentem seguros", disse ao voltar à superfície.

Ao lado dos peixes de interesse comercial, que atraíam a atenção do pescador, podiam ser vistos peixes coloridos como o budião azul, o borboleta, o barbeiro. A limpidez da água do mar, o colorido dos peixes e dos corais davam a sensação de se estar dentro de um imenso aquário, em pleno Oceano Atlântico.

O mergulho orientado é uma das atividades alternativas que os pescadores apostam em substituição à pesca naquela área. Pa-



Área dos recifes de corais das caramuanas, demarcada pelos pescadores de Aratuba, em Itaparica, como área marinha protegida



A demarcação da área de "descanso" dos peixes foi feita com 180 bóias nas quais foram afixadas bandeiras amarelas. As bóias ficam presas a blocos de 50 kg de concreto. "Foi uma solução simples e econômica", avalia o presidente da Promar, James Campbell.

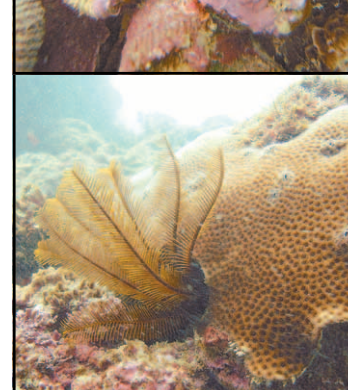
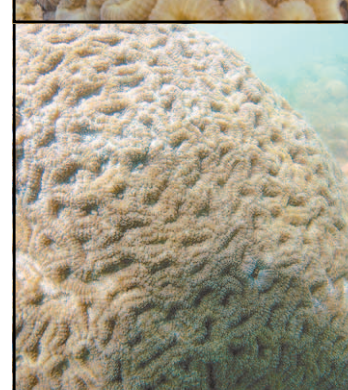
ra isso contam com a ajuda dos ambientalistas da ONG Promar, com sede em Mar Grande.

APOIO – Cutia conta que a idéia de fechar a área começou em conversas entre os pescadores. "A gente ia pescar e não achava mais nada". De reunião em reunião, a idéia foi tomando corpo e, com o apoio da ONG, que já tinha tentado fazer o mesmo em Mar Grande, a proposta deslançou. Foi criada a Associação de Moradores e Pescadores de Aratuba

que passou a ser o canal institucional. Meses depois, um termo de acordo foi firmado em assembléia por 34 pescadores e a ONG, e o trabalho começou a ser feito. Cutia, que preside a associação, mostra orgulhoso a sua pequena sede, na praia, que, com menos de um ano já tem 120 associados que contribuem com a taxa mensal de R\$ 5 e têm acesso a cursos gratuitos de computação, inglês, espanhol e culinária.

Aratuba fica a 28 km de Bom Despacho, próximo a Cacha Pre-

IGOR CRUZ | DIVULGAÇÃO



Espécies de corais presentes nos recifes das caramuanas

go, na extremidade sul da Ilha de Itaparica. A pesca é a principal atividade econômica e os recifes de corais das caramuãs são os locais preferidos.

Caramuãs ou caramuanas é como são chamados os três bancos recifais situados a sudeste da ilha, distantes, em média 3 km da costa. Afloram na maré baixa e suas paredes podem chegar a sete metros de profundidade. De acordo com o biólogo e pesquisador Igor Cristiano Silva Cruz, tratam-se dos recifes com menor interferência humana na Baía de Todos os Santos.

A área escolhida pelos pescadores de Aratuba para ser "área marinha protegida" corresponde às caramuanas de Leste-Sueste, onde Igor identificou 11 espécies de corais e a maior cobertura de alga "coralinácea" de todas as 23 estações que estudou na BTS. No seu estudo, ele aponta as áreas prioritárias para a criação de áreas marinhas protegidas para a conservação dos recifes de corais da baía.

Em visita ao local, a convite de A TARDE, na última terça-feira, o pesquisador entusiasmou-se com a iniciativa dos pescadores. Ele foi um dos técnicos consultados pela Promar durante as discussões com os pescadores. Segundo ele, o local é o mais preservado dentre os três bancos. No seu estudo, recomenda a preservação de pelo menos 6 km² das caramuanas. A área demarcada pelos pescadores é de 1,84 km². "É pouco, para garantir resultados significativos, mas já é uma grande coisa em se tratando de uma iniciativa que começou de baixo para cima, ou seja, da própria comunidade", avaliou.



Notícia integrada: Veja galeria de imagens no Portal A TARDE ON LINE | www.atarde.com.br

Baía de Todos os Santos tem aniversário hoje

JURACY DOS ANJOS

janjos@grupoatarde.com.br

Cinco badaladas deram início a uma viagem ao passado a bordo da caravela Dom João VI, redescobrir a Baía de Todos os Santos, que hoje comemora 507 anos de batismo. Apesar de o cenário ser o mesmo, o visual da baía, antes exuberante de verde, agora está degradado, segundo ambientalistas e estudiosos que participaram, ontem pela manhã, de uma visita técnica à região. O trajeto foi iniciado no Forte de São Marcelo, indo até o Farol da Barra, e retornando ao ponto inicial da viagem.

O que foi visto, na avaliação de Everaldo Queiroz, pós-doutor do Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia (Ufba), é uma devastação crescente da flora com a invasão imobiliária, principalmente na encosta do bairro da Vitória. Lá, edifícios de luxo constroem pieres irregulares, desmatando o que ali restava de mata atlântica. A situação foi denunciada por A TARDE.

"Ao chegar a Salvador, Charles Darwin ficou fascinado justamente com a diversidade da nossa mata atlântica existente neste local. Agora, o que vemos é o crescimento da floresta de concreto", reclama Queiroz. Segundo o estudioso, ainda há tempo de reverter o quadro "caótico".

A Baía de Todos os Santos é a segunda maior baía em navegação de todo o planeta, com 1,1 mil km² de extensão.



Ambientalistas a bordo da caravela Dom João VI

RECIFES DE CORAIS na Baía de Todos os Santos



Recifes da BTS precisam de proteção

Em sua dissertação de mestrado, defendida em junho, no Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, o, hoje, mestre em ecologia e biomonitoramento, Igor Cruz, 28 anos, apontou as áreas prioritárias para a conservação de recifes de corais na Baía de Todos os Santos. Para isso, ele mapeou os recifes com imagens de satélite e em trabalho de campo. Ao todo, foram identificados 23 recifes situados na parte interna da baía (entre a Ilha dos Frades e a praia de Inema) e na parte externa, na costa da Ilha de Itaparica. Observando as condições de conservação dessas áreas, o pesquisador aplicou uma escala de pontos e atribuiu às de melhor pontuação a condição de prioritárias para a adoção de medidas de proteção.

Da sua análise foram destacados os recifes situados ao sul da Ilha de Maré e os que ficam ao sul de Itaparica, conhecidos como Caramuanas, onde ainda resistem 15 espécies das 16 encontra-

das. Segundo Igor, "a existência de duas áreas recifais distintas (interna e externa) sugerem a formação de duas "áreas intangíveis" (fechadas para pesca e outros usos) na BTS para salvaguardar as peculiaridades de cada uma delas".

POLUIÇÃO– Igor diz que, além do fechamento para pesca e outros usos nessas áreas, outra medida necessária é a eliminação das fontes de poluição. Ele destaca a poluição industrial proveniente das atividades petrolíferas e do pólo industrial de Aratu, que incide principalmente sobre os recifes internos da baía, onde há menos renovação da água.

Ele cita como exemplo o fato de quatro das espécies identificadas nessa região em estudo da década de 60 não existirem mais. Os corais são organismos muito sensíveis a alterações da qualidade da água. Na época, o pesquisador Laborel, encontrou fragmentos de corais na fábrica de ci-

mento Aratu, em São Tomé de Paripe. Segundo Igor, a fábrica, que está fechada, deve ter contribuído, mas a presença de contaminantes detectada em vários estudos da década de 90 mostra que a região nordeste da BTS sofre com o lançamento de metais pesados como cobre, zinco, cádmio, chumbo, agroquímicos e de hidrocarbonetos policíclicos aromáticos derivados de petróleo.

De acordo com os dados da pesquisa de Igor, estima-se que 20% dos recifes de corais foram destruídos nos últimos 50 anos e que 24% estão em risco iminente de colapso e 26% estão ameaçados. "Trata-se de uma degradação crescente, apesar da grande importância dos recifes para a pesca, para a proteção da linha de costa, para a pesquisa de novas substâncias farmacêuticas". Segundo estudos internacionais, os "serviços" prestados pelos ecossistemas recifais, em todo o mundo, são estimados em US\$ 375 milhões/ano. (M.A.)

Pesca aumenta ao redor de áreas protegidas

O aumento da população de peixes é o principal resultado esperado com a criação de áreas marinhas protegidas em locais onde há recifes de corais. É que ali, os peixes encontram abrigo e alimento principalmente quando são jovens. O biólogo Igor Cruz, mestre em Ecologia e Biomonitoramento, explica que em áreas protegidas os peixes se desenvolvem melhor e tornam-se matrizes de novos indivíduos que irão colonizar as áreas próximas, fora dos limites da área protegida.

Ele conta que em experiências como a do fechamento de uma área de recifes no município de Tamandaré, a 100 km do Recife, há nove anos, os resultados já são evidentes. Segundo a professora do departamento de oceanografia da Universidade Federal de Pernambuco, Beatrice Padovani, que acompanha a experiência, já no primeiro ano de pausa da pesca, foi observado o aumento da abundância de várias espécies de interesse comercial.

Ela explica que o local protegido atraiu os peixes, que com o tempo foram se reproduzindo e povoando outras áreas onde é permitida a pesca. Depois dos três anos acordados com os pescadores, eles próprios se interessaram em estender a medida por mais tempo, o que levou o Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente de Tamandaré a deliberar pela consolidação dos recifes da Ilha da Barra como área marinha protegida municipal. (M.A.)



Pescador e ambientalista fazem manutenção das bóias